

## **A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO UNI-FACEF: 1977-1992**

Aline Pereira Eleutério – Uni-FACEF

Daniela Silva Lopes– Uni-FACEF

Matheus de Mello Cunha– Uni-FACEF

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bárbara Fadel– Uni-FACEF

### **Contexto histórico: Franca x FACEF**

A partir de 1870, com a decadência do algodão em São Paulo, a economia da região Nordeste do estado, no caso Franca, adquire uma diversidade econômica com o desenvolvimento da pecuária, da agricultura, do comércio, da tecelagem e da mineração.

Franca passa a ter destaque no cenário econômico a partir do século XIX oferecendo clima e solo ideal para cultivo do café atraindo assim, pessoas de diversas regiões e, principalmente, mineiros que vieram buscar sua sobrevivência a partir do trabalho, uma vez que a exploração aurífera estava em declínio em Minas Gerais.

Outro fator que modifica a cidade de Franca, em função deste desenvolvimento, é a concentração da população. Se em torno de 1930, 73% (setenta e três por cento) da população do município encontrava-se na zona rural, em 1980, 86% (oitenta e seis por cento) da mesma concentrava-se na zona urbana. (PALERMO, 1980, p. 120 -121)

Com o progresso econômico, e conseqüentemente, com a industrialização, verifica-se um crescimento demográfico de 3,7 % ao ano. A população, na década de 70, sobe de 68.027 para 93.638 habitantes, o que corresponde a um aumento de 37% (trinta e sete por cento). Não se deve esquecer de registrar que tal crescimento contou com a participação da migração rural de outras cidades e estados para esta região.

Franca tornou-se um grande centro industrial, mas não abandonou suas atividades agrícolas visto que sua evolução histórica acompanhou o ritmo nacional.

O êxodo rural é um fato diagnosticado por economistas e estudiosos da época, como Paul Singer, M.C d'Incao e outros. O município de Franca, localizado na Alta

Mogiana tem um êxodo rural que se ajusta ao que se processa na Zona da Alta Sorocabana: sofreu influência de fatores de mudança, devidos à alteração de estrutura capitalista fatores de estagnação na economia rural, acrescidos dos fatores de atração urbana, devidos à pressão industrial. (PALERMO, 1980, p. 120).

A urbanização intensiva, acrescida da pressão exógena, de migrações mineiras para o parque industrial francano, forçou a criação de novas estruturas para a cidade. Franca se industrializou intensamente. Passou a ser considerada cidade de porte médio, com as pressões normais sobre o abastecimento e a melhoria de perspectivas para os investidores.

A partir de 1970, a principal atividade passou a ser a indústria calçadista e a procura por emprego intensificou ainda mais a vinda de migrantes de todo o país, principalmente do estado de Minas Gerais.

No início da década de 90, Franca havia aumentado de maneira significativa o número de habitantes, de edifícios, pontos de comércio e, as indústrias, ganharam um espaço físico, ou seja, criou-se o Distrito Industrial, conforme Plano Diretor da cidade.

A indústria calçadista produzia em grande escala abrangendo assim o comércio interno e externo, mas, a partir de 1993 o volume de exportação chegou a cair 20% (vinte por cento) em “conseqüência do Plano Econômico do governo Collor e à abertura gradual da economia frente aos mercados internacionais” (CAMPANHOL, 1999, p. 48).

Um setor que não se abalou com a crise econômica foi o setor educacional. É possível detectar que em nível nacional, houve um crescimento no número de cursos oferecidos por Instituições públicas e particulares, sendo as Instituições públicas municipais uma das que mais aumentaram o oferecimento de cursos. É possível que estas aumentaram 17% no país e 6% só no estado de São Paulo. É importante ressaltar que no estado de São Paulo, essas instituições são constituídas sob a forma de autarquia municipal, e para que possam fazer parte do Sistema Estadual de Ensino Superior, é necessário que elas sejam criadas por uma lei municipal. Segundo Dias (1995), “a instituição municipal de ensino superior do estado de São Paulo mais antiga, é a Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Franca”, (MACHADO, 2002, p. 133) que surge como iniciativa privada e, em 1955, realiza a 1ª formatura de bacharéis em Ciências Econômicas. Com o Decreto Federal nº 48.908, de

27 de agosto de 1960, o curso desta instituição passa a ser reconhecido e o problema que se apresenta é a procura de professores para assumirem as disciplinas.

Com a Lei nº 1.143/63 e a Lei nº 1.452/66 a FACEF se transformou em Autarquia Municipal, e mais adiante, novos cursos foram criados. Conforme a Lei Municipal nº 1.783, de 14 de outubro de 1969, foi autorizado a criação do curso de Administração sendo o mesmo autorizado a ser ministrado na Instituição pelo Decreto Federal nº 75.450/75, de 6 de março de 1975. O curso de Ciências Contábeis foi reconhecido em 1981 de acordo com o Decreto Federal nº 85.927/81, de 22 de abril de 1981.

Com a demanda por cursos, e a necessidade de oferecer à comunidade francana e da região condições mais adequadas para a formação dos jovens que buscavam uma profissão para plena qualificação e ingresso no mercado, a FACEF oferece a partir de 1996, cursos também no período diurno. A partir disso, percebeu a necessidade de se transformar em Centro Universitário tendo como objetivo ampliar o oferecimento de cursos diversificados.

Em 2004, pela Portaria CEE/GP nº 104/04, recebeu autorização para transformar-se em Centro Universitário de Franca e a partir desta data, passa a ser denominada Uni-FACEF. Além de Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis abriga, a partir de então, Comunicação Social, Psicologia, Letras, Matemática e Turismo e Hotelaria e, atualmente, pós-graduação com vários cursos de especialização e um mestrado na área de Desenvolvimento Regional.

Pensando em investir em pesquisas, o Uni-FACEF cria o Centro de Documentação e Memória (CDM), com a responsabilidade de resguardar seu patrimônio histórico documental, levando em consideração a recuperação da sua cultura e as características da instituição. O CDM atua em:

“Levantamento de documentação escrita (cadastro dos ex-alunos, por curso e ano de formatura, relatórios, normas, cadastro dos professores, diretores e funcionários, projetos pedagógicos e pesquisas); levantamento da documentação iconográfica como fotografias, convites, história oral (coleta de dados por meio de entrevistas); levantamento da participação do Uni-FACEF na comunidade econômica e social de Franca e os intercâmbios nacionais e estrangeiros” (GONZAGA, 2007, p.3).

Desde 2005, data da criação do banco de dados do CDM, até março de 2008, 3.122 prontuários de alunos foram cadastrados sendo estes, formandos até 1994 dos cursos de Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis.

Durante o processo de cadastramento de ex-alunos, despertou a atenção o crescimento de matrículas do gênero feminino e, conseqüentemente, surgiu a dúvida do por que deste crescimento. Estariam as mulheres buscando um curso superior por motivação profissional ou por vontade própria? Desde então, esta questão vem instigando os integrantes do CDM e em 2007, gerou uma primeira abordagem com a elaboração e apresentação de uma pesquisa cujo foco foi buscar as pioneiras ou as primeiras mulheres que participaram do Uni-FACEF, 1951 – 1976.

No período abrangido pela referida pesquisa, levantou-se as mulheres que concluíram um dos cursos da instituição tendo, como primeira etapa, sua localização ou endereço atual. Tarefa difícil, dado ao longo tempo transcorrido desde a sua formação, sendo necessário entrar em contato por telefone ou e-mail com as cinqüenta mulheres aqui formadas ou com algum de seus familiares. Dentre essas, trinta e seis foram localizadas, sendo cinco falecidas e duas não se dispuseram participar, mas dezenove participaram efetivamente da pesquisa.

Trabalhou-se os itens como: naturalidade e idade de ingresso que possibilitou computar a porcentagem das mulheres num universo ainda considerado masculino, como os das faculdades. Numa segunda etapa, foi enviado um questionário contendo blocos que contemplavam questões familiares, pessoais, escolares, profissionais e institucional.

Constatou-se através do questionário, que apenas uma mulher sofreu preconceito familiar, mas todas adentraram na faculdade por vontade pessoal. Seis das entrevistadas acreditavam que viver num pólo calçadista como Franca não influenciou na escolha do curso, mas para três delas, foi a principal razão para escolherem tais cursos.

E ainda, quando formadas, apenas seis atuaram no mercado econômico e administrativo, enquanto quatro sequer enfrentaram o mercado de trabalho. Um terço das mulheres não notaram qualquer tipo de preconceito durante sua atuação e dois terços acreditam que tiveram seus direitos garantidos por lei.

A maioria das entrevistadas disseram que o mais difícil foi provar que também tinham capacidade enquanto profissionais, mas a escolha pelo curso de Economia e/ou Administração, ocorreu simplesmente pela falta de opção de outros cursos em Franca. Algumas salientaram que o apadrinhamento era constante, o que limitava a atuação das mulheres, já que a preferência era para os homens.

Quanto à instituição, sete acreditavam que estudar no Uni-FACEF foi um fator de grande ajuda na abertura de portas para o mercado de trabalho, pois, ainda hoje, acreditam que a Instituição é respeitada pela comunidade de Franca e região.

Mesmo com todos os dados coletados e analisados, permaneceu a indagação sobre a verdadeira motivação das mulheres que freqüentaram, em número crescente, os cursos da FACEF nos anos posteriores. Em consequência disso, propõe-se o desenvolvimento de uma nova pesquisa para melhor esclarecimento do por quê deste crescimento.

### **As formandas pelo Uni-FACEF**

Para a realização da atual pesquisa procurou-se identificar as formandas de 1977 a 1992, período esse em que a FACEF passou por grandes mudanças, dentre essas a incorporação de um novo curso – Ciências Contábeis. Com isso, a procura por seus cursos aumentou de maneira significativa, mas o que chamou a atenção foi o grande número de mulheres que buscavam esses cursos, fato que ultrapassou os dados referentes à pesquisa realizada com os primeiros vinte e cinco anos da Instituição.

Isso fica evidente ao se comparar os dados da primeira pesquisa com os que se têm para a realização desta. Sabe-se que o Uni-FACEF passou a ter mulheres em seu quadro de concluintes no ano de 1965 (1962 – 1965), e que durante o período em que se realizou a primeira pesquisa 1951 – 1976, 689 alunos se formaram, sendo 641 homens e 50 mulheres, ressaltando que em algumas turmas não houve mulheres concluintes e outras registraram apenas uma. Destas 50 mulheres, 37 concluintes cursaram Ciências Econômicas e 08 delas Administração. Algumas cursaram mais de

um curso: 02 cursaram Administração e Ciências Econômicas e 03 cursaram Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis.

Para a pesquisa ora em desenvolvimento, levantou-se os dados nos prontuários e no banco de dados do CDM, sendo possível construir a Tabela 1 para melhor visualização.

**Tabela 1** Ingressantes e concluintes no Uni-FACEF no entre 1977 e 1992

Ano	Ingressantes			Concluintes		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
1977	86	<b>61</b>	147	94	<b>12</b>	106
1978	80	<b>49</b>	129	106	<b>38</b>	144
1979	87	<b>40</b>	127	86	<b>48</b>	134
1980	79	<b>46</b>	125	82	<b>58</b>	140
1981	61	<b>35</b>	96	90	<b>56</b>	146
1982	73	<b>44</b>	117	82	<b>34</b>	116
1983	67	<b>44</b>	111	76	<b>47</b>	123
1984	84	<b>53</b>	137	59	<b>32</b>	91
1985	70	<b>44</b>	114	90	<b>48</b>	138
1986	62	<b>58</b>	120	75	<b>47</b>	122
1987	65	<b>54</b>	119	77	<b>56</b>	133
1988	81	<b>51</b>	132	54	<b>46</b>	100
1989	33	<b>39</b>	72	71	<b>76</b>	147
1990	10	<b>8</b>	18	79	<b>62</b>	141
1991	8	<b>3</b>	11	113	<b>80</b>	193
1992	3	<b>2</b>	5	103	<b>83</b>	186
Total	949	<b>631</b>	1580	1337	<b>823</b>	2160

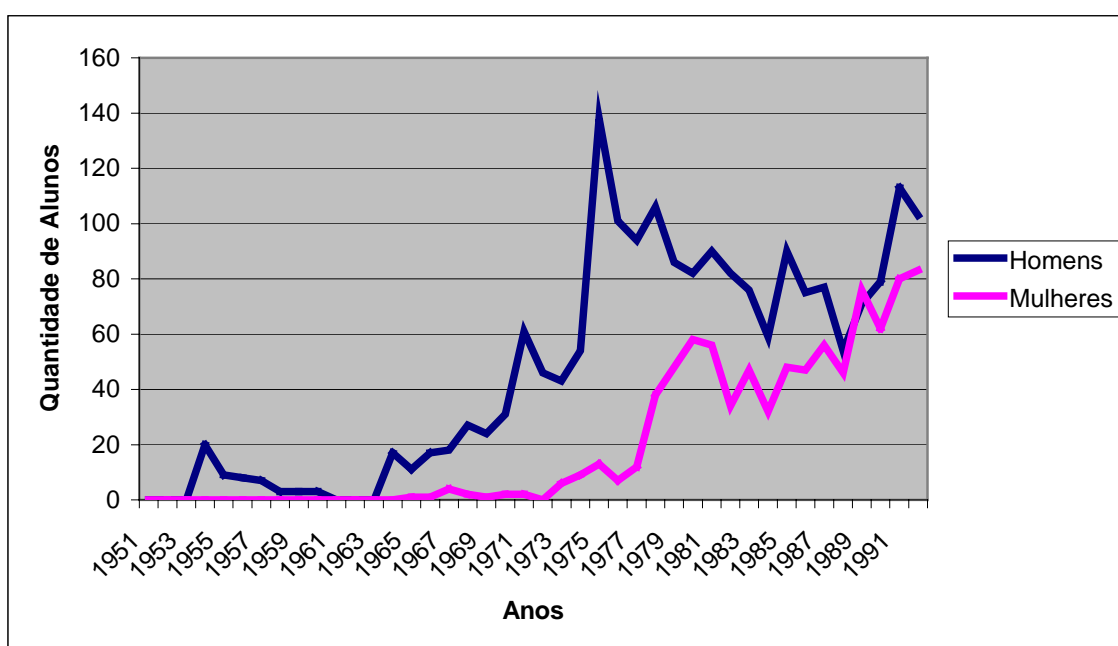
Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2008.

Pode-se perceber um aumento significativo entre os dados da primeira pesquisa e os desta, cerca de 1.546 %, pois, no período em análise, 1977 a 1992, tem-se 823 mulheres concluintes de algum curso oferecido pela FACEF. Em uma análise mais detalhada (cf. Anexo 1 A, B e C ), pode-se observar que houve um aumento no número de mulheres concluintes de Ciências Econômicas, cerca de 253 mulheres concluíram o mesmo, tendo um aumento de 502,38% se comparado ao primeiro período da pesquisa. Para o curso de Administração, o mesmo teve durante os anos de 1977 a 1992 um crescimento significativo, 349 mulheres se formaram nesse período, registrando um aumento de 2.584%, se comparado a primeira pesquisa. No entanto, o

curso de Ciências Contábeis, por ter sido incorporado a Uni-FACEF em 1981, apresentou um número menor de concluintes mulheres se comparado à Ciências Econômicas e Administração - cerca de 221, mesmo assim, pode-se reafirmar a crescente busca dessas por um curso superior.

O aumento de concluintes, homens e mulheres, nos primeiros quarenta anos do Uni-FACEF, apresenta-se de forma comparativa no gráfico 1.

**Gráfico 1** Total de concluintes nos primeiros quarenta anos do Uni-FACEF



Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2008.

No primeiro período a média de concluintes por ano é de 27,56, sendo, 25,64 homens e 1,92 mulheres. Devido ao registro de conclusão unificado de quatro turmas de Administração, nota-se em 1975, um número superior de formandos, sendo 138 homens e 13 mulheres. A quantidade de homens concluintes deste ano foi superior a quantidade de homens concluintes nos anos posteriores. A partir de 1977 o número de concluintes por ano apresentou média de 83,56 homens e 51,44 mulheres, com picos de 113 homens (1991) e 76 mulheres (1989). Em 1989, a quantidade de mulheres concluintes foi superior à quantidade de homens (71 formandos). A análise também mostra, que a partir de 1973 em todos os anos havia mulheres concluintes, em

contrapartida ao período inicial do Uni-FACEF, quando as mulheres não presenciavam uma formação superior. O curso de Ciências Contábeis, iniciado em 1981, corresponde a 22,36% da quantidade de concluintes da Instituição do período de 1977 à 1992, representando média de 60,38 alunos concluintes por ano (sendo 16,37 homens e 13,81 mulheres). No mesmo período o curso de Ciências Econômicas apresentou média de 44,87 alunos concluintes por ano (29,06 homens e 15,81 mulheres em média), enquanto o de Administração cerca de 59,93 formandos (38,12 homens e 21,81 mulheres).

A avaliação das mulheres que buscavam um curso superior mostra que o fato era crescente entre jovens com idades variando de 18 a 22 anos, expressa na tabela 2 (cf. Anexo 2). É importante observar que os dados foram obtidos de acordo com prontuários de ex-alunas presentes no CDM na época da coleta de dados, havendo diferenças entre o número real de formandas do período e a quantidade de prontuários. Isso se deve a quantidade de alunas que se formaram em mais de um curso na Instituição, pois as mesmas possuem apenas um prontuário.

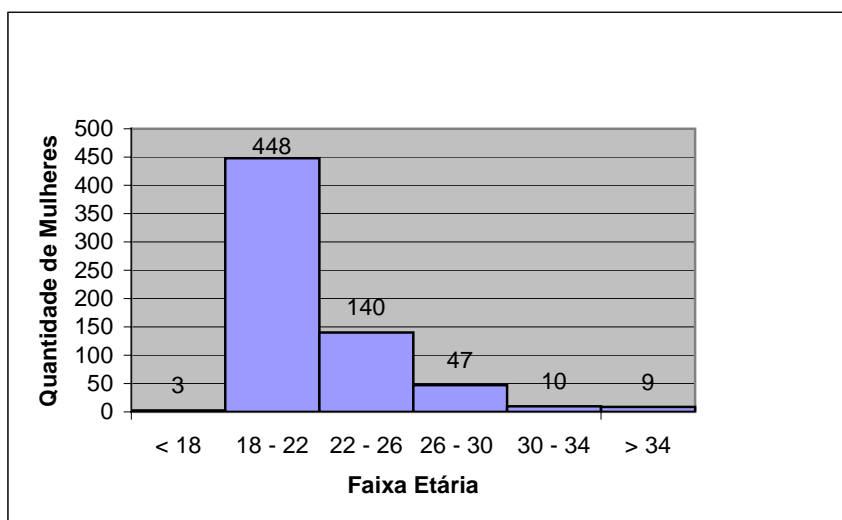
**Tabela 2** Faixa etária de ingresso das mulheres concluintes entre 1977 e 1992

Faixa Etária	Ciências Econômicas		Administração		Ciências Contábeis		Total	
	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)
<18	2	0,89	0	0	1	0,61	3	0,46
18 -22	150	66,67	177	66,29	121	73,33	448	68,19
22-26	49	21,78	63	23,60	28	16,97	140	21,31
26-30	20	8,89	18	6,74	9	5,45	47	7,15
30-34	1	0,44	6	2,25	3	1,82	10	1,52
>34	3	1,33	3	1,12	3	1,82	9	1,37
Total	225	100,00	267	100,00	165	100,00	657	100

Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2008.

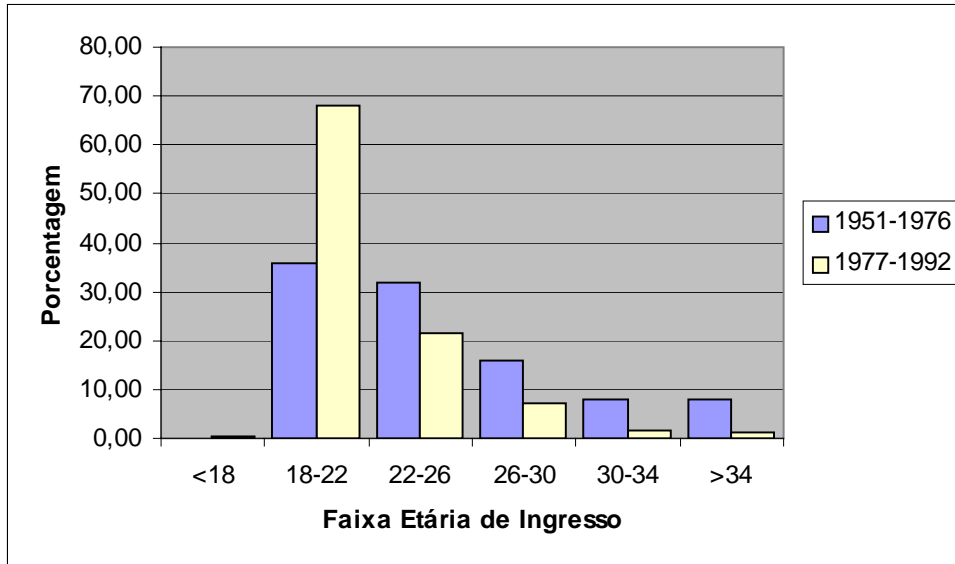
O Gráfico 2 expressa, em frequência absoluta, a faixa etária em que as concluintes entre 1977 e 1992 ingressaram no Uni-FACEF.

**Gráfico 2** Idade de ingresso das mulheres concluintes entre 1977 – 1992



Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2008.

No Gráfico 3, através das colunas pode-se comparar a idade de ingresso das mulheres que concluíram curso no Uni-FACEF nos dois períodos abordados pelas pesquisas elaboradas pelos pesquisadores do Centro de Documentação e Memória da Instituição (cf. Anexo 3).

**Gráfico 3** Comparativo da idade de ingresso das mulheres.

Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2008.

Enquanto em 1976 inexistia registro de mulheres que ingressaram com menos de 18 anos de idade no Uni-FACEF, entre 1977 e 1992 nota-se mulheres que ingressaram com esta faixa etária, representando 0,46% das concluintes deste período. Convém destacar a possibilidade dessas mulheres completarem dezoito anos no ano corrente de seu primeiro ano de faculdade, visto que as idades de ingresso foram baseadas na diferença entre o ano de matrícula no Uni-FACEF e ano de nascimento das mulheres. Assim como na primeira pesquisa, notou-se que a maior parte das mulheres concluintes entre 1977 e 1992 ingressaram no curso com faixa etária entre 18 e 22 anos, representando 68,19% do total de mulheres formandas deste período e 36% das concluintes até 1976.

Esta faixa etária de 18 a 22 anos leva a deduzir que as mulheres, assim como ocorria naturalmente com os homens, ao terminarem o segundo grau buscavam ingressar num curso superior visando completar sua formação e capacitar-se para enfrentar o mercado de trabalho. O aumento em relação à pesquisa anterior, nesta faixa etária, mostra que o perfil da mulher preocupada apenas com seus estudos

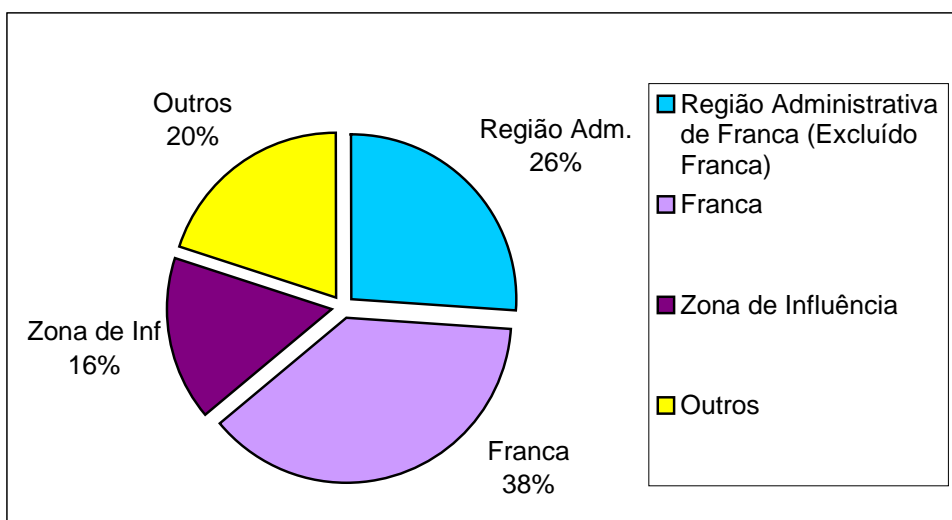
básicos (primeiro e segundo graus) ou com seu casamento parece que não é mais predominante.

Há uma pequena queda de concluintes com idade de ingresso entre 22 e 26 anos no segundo período: enquanto o primeiro período representa 32% do total, entre 1977 e 1992 passa a representar 21,31%. Diminui também, de 16% para 7,15% no segundo período o percentual de concluintes que ingressaram com idade entre 26 e 30 anos. Nota-se também queda na freqüência de concluintes que iniciaram o curso com idade igual ou superior a 30 anos: enquanto até 1976 elas eram 16%, entre 1977 e 1992, representam 2,89% das mulheres concluintes.

Tudo indica que com o crescimento econômico do período e a valorização do título garantido por um curso superior desperta a atenção das mulheres surgem os cursos preparatórios para ingresso nas faculdades, levando as pessoas a procurá-los para se prepararem. Isso é reflexo da mudança de mentalidade já existente na época, quando as mulheres não só resolvem efetivamente ingressar no mercado de trabalho, mas se prepararem para ter acesso a uma formação qualificada.

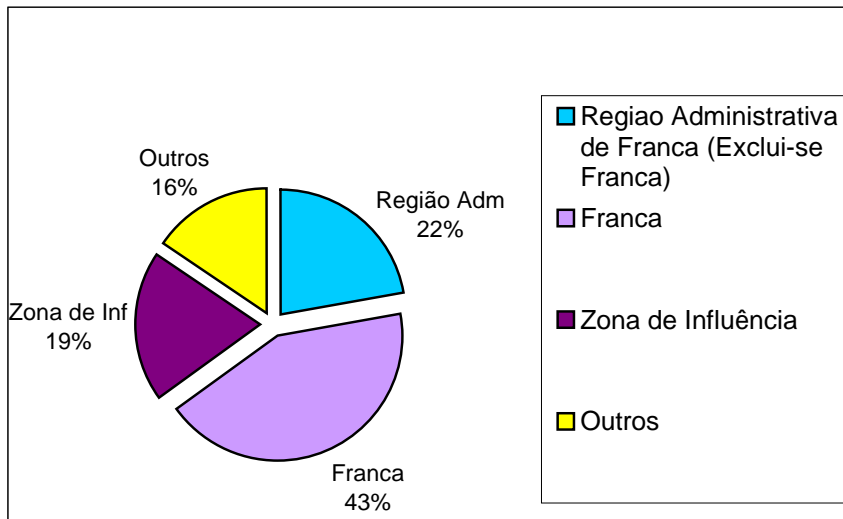
No que diz respeito a naturalidade dessas concluintes, nota-se através dos gráficos 4 e 5 que em ambos os períodos eram oriundas de Franca, da Região Administrativa de Franca e da Zona de Influência (100 Km). Além de alguns que estão fora destes limites.

**Gráfico 4** Naturalidade das mulheres (1951-1976)



Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2007

**Gráfico 5** Naturalidade das mulheres (1977-1992)



Fonte: Centro de Documentação e Memória do Uni-FACEF, 2008

A avaliação dos gráficos permite concluir o aumento da participação de mulheres naturais de Franca (SP) no Uni-FACEF no período entre 1977 e 1992. A quantidade de mulheres naturais de Franca (SP) passou de 19 (38%) no período inicial, para 278 (43%) formandas no período entre 1977 e 1992. Conclui-se então que em seus primeiros quarenta anos de existência, a maior parte das mulheres formadas pelo Uni-FACEF são francanas. Aumentou também a quantidade de mulheres oriundas da Zona de Influência de Franca, composta por cidades como Sacramento, Delfinópolis, Passos, Capetinga, Guairá, e outras. O número de concluintes do sexo feminino vindos destas cidades cresceu quinze vezes, saltando de 8 (16%) do período entre 1951 e 1976, para 127 (19%) do período entre 1977 e 1992.

As concluintes naturais da Zona Administrativa de Franca (Anexo 4), região composta por Aramina, Batatais, Buritzal, Cristais Paulista, Guará, Igarapava, Ipuã, Itirapuã, Ituverava, Jeriquara, Miguelópolis, Morro Agudo, Nuporanga, Orlandia, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Rifaina, Sales Oliveira, São Joaquim da Barra e São José da Bela Vista, aumentaram de 13 para 146 na segunda pesquisa;

apesar do crescimento de 1023% em relação à pesquisa anterior, a procura por estas mulheres entre 1977 e 1992 sofreu queda de 4% em relação ao total de mulheres pesquisadas em cada período, representando 26% das concluintes até 1976 e 22% das concluintes entre 1977 e 1992. A diferença se justifica pelo surgimento de outros cursos superiores na região, bem como questões de transportes, valor de mensalidades, entre outros fatores.

A presença de formandas de outros municípios não inclusos nos referidos grupos também diminuiu de 20% até o ano de 1976 para 16% entre 1977 e 1992. Destaca-se neste período a presença de alunas naturais de territórios estrangeiros, como uma aluna natural de La Paz (Bolívia), concluinte de Ciências Econômicas em 1984, outra aluna de Bermejo (Bolívia), que concluiu o curso de Administração em 1990 e uma concluinte de Ciências Contábeis em 1991, natural de Lima (Peru). (Anexo 5).

É a partir da análise destes dados que se pretende buscar respostas para apontar qual o motivo dessas mulheres buscarem um curso de nível superior. Para que se consiga alcançar este objetivo, optou-se por uma coleta de dados atualizados através de um formulário com Informações Cadastrais e Mini Currículo: com dados familiares, atividades profissionais e ainda, atividades sócio-culturais exercidas. Junto será remetido um questionário que seguirá um roteiro previamente estabelecido para que se possa fazer uma análise posterior destes dados. A importância de se trabalhar pelo questionário, deve-se ao fato de que o mesmo permite o levantamento qualitativo de “opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas”. (GONZAGA, 2007).

Em busca de um meio mais prático para se fazer essa entrevista, optou-se em enviar a ficha e o questionário que serão entregues a domicílios via correio. Esta escolha foi feita para que as entrevistadas se sintam à vontade para responder com maior tranquilidade e veracidade em seu próprio ambiente as questões propostas. Estipulou-se que esses questionários deverão ser devolvidos no prazo de uma semana após seu recebimento, podendo se feito via correio ou pessoalmente na Unidade II da Instituição.

Para a elaboração deste questionário, levou-se em consideração o objetivo da pesquisa, sendo determinados temas divididos em cinco blocos que possam auxiliar na construção de um cenário no qual essas mulheres estavam inseridas. São elas:

- Pessoal: além de focar a motivação pessoal dessas mulheres para enfrentar curso e um mercado predominantemente masculino, esse tema abarca também a questão das desvantagens sofridas por essas mulheres vinculadas às suas escolhas profissionais; (questões 1, 2, 3, 4 e 6)
- Familiar: o objetivo focado nesse bloco é identificar, no âmbito familiar, a aceitação ou não das escolhas feitas por essas mulheres tanto pelo curso superior quanto pela área de atuação das profissionais da área de administração, economia e contábeis; (questão 5)
- Escolar: o enfoque se dá em analisar a mulher estudante, diante dos obstáculos transpostos e sua situação como aluna em relação à aceitação ou não dos colegas homens e dos professores; (questões 7, 8, 9)
- Profissional: enfoca-se nas situações cotidianas que a mulher já formada encontra/encontrou dentro do mercado de trabalho, e o seu papel na abertura de investimentos profissionalizantes nos setores econômico, administrativo e contábil; (questões 10, 11, 12, 13, 14, 15)
- Institucional: enfoque na visão que a aluna teve da Instituição, e a influência que esta teve em sua carreira profissional, além do grau de importância que a Instituição tinha para as alunas daquela época; (questões 16, 17, 18).
- Duas questões abertas: foca-se na descrição dos problemas e barreiras enfrentadas ao adentrarem em um predominantemente na época, por homens. E também, quais foram suas principais conquistas alcançadas na sua carreira dentro da profissão escolhida.

A estrutura dos formulários a serem preenchidos pelas formandas estão apresentados no Anexo 6 – os referentes aos dados cadastrais e no Anexo 7 – o questionário com questões abertas e fechadas.

**Conclusão:**

É possível observar que na segunda metade do século XX, Franca teve uma participação econômica relevante na economia do estado de São Paulo. As indústrias calçadista ganharam um espaço tanto no mercado nacional quanto no internacional. Tudo indica que o desenvolvimento econômico de Franca só foi abalado com a implantação do Plano Collor que acarretou várias crises, dificultando o seu crescimento.

Embora a economia estivesse passando por uma crise, a educação não foi afetada, pois houve um crescimento com a criação de instituições de nível superior, sendo uma delas a Uni-FACEF, reconhecida como umas das instituições municipais mais antiga do estado de São Paulo.

Ao longo de sua jornada o Uni-FACEF implantou e reconheceu oito cursos superiores, sendo os primeiros: Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis e, posteriormente, os de Comunicação Social, Psicologia, Letras, Matemática e Turismo e Hotelaria. Além destes, abriga vários cursos de pós-graduação (lato sensu) e um mestrado (stricto sensu) na área de Desenvolvimento Regional.

Buscando identificar o público que freqüentou os cursos oferecidos pela instituição, detectou-se no período de 1977 a 1992, uma diferença expressiva apontando 1.337 formandos masculino e 823 feminino.

Nesta primeira fase da pesquisa, procurou-se identificar o perfil das mulheres deste período, analisou-se sua idade de ingresso e sua naturalidade e comparou-se a evolução destas dentro da instituição, e além disso, para traçar o motivo desses alunos

buscarem um curso superior e posteriormente em um mercado de trabalho predominantemente masculino será enviado um formulário de Informações Cadastrais e um Mini Currículo, além de um questionário que abordará diferentes temas sobre sua vida estudantil, profissional, pessoal e sua contribuição social.

Com o retorno da Ficha de Cadastro, Mini Currículo e dos questionários, será possível fazer uma análise das informações coletadas e averiguar a verdadeira razão pela qual as mulheres concluintes buscaram uma formação de nível superior.